

HISTÓRIA EM COUSAS MIÚDAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – CHRISTIANO LYRA FILHO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora)

ALCIR PÉCORÁ – CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA

MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

SIDNEY CHALHOUB – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

ROBERT WAYNE ANDREW SLENES – MICHAEL HALL

JEFFERSON CANO – FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA

Organização

SIDNEY CHALHOUB

MARGARIDA DE SOUZA NEVES

LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA

HISTÓRIA EM COUSAS MIÚDAS

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA SOCIAL
DA CRÔNICA NO BRASIL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

H629 História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil / organizadores: Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Imprensa. 3. História social. 4. Brasil – História. I. Chalhoub, Sidney, 1957- II. Neves, Margarida de Souza. III. Pereira, Leonardo Affonso de Miranda, 1968- IV. Título.

CDD B869.09
070
301.29
981

ISBN 85-268-0708-0

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira – História e crítica	B869.09
2. Imprensa	070
3. História social	301.29
4. Brasil – História	981

Copyright © by Organizadores
Copyright © 2011 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2011

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medecinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.
- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata: os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos: lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*.
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente: malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)*.
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

I – CRÔNICAS EM SÉRIE

JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA, CRONISTA DO DESENGANO

Jefferson Cano 25

A ARTE DE ALINHAVAR HISTÓRIAS

A SÉRIE "A + B" DE MACHADO DE ASSIS

Sidney Chalhoub 69

POLÍTICA E HUMOR NOS ÚLTIMOS ANOS DA MONARQUIA

A SÉRIE "BALAS DE ESTALO"

Ana Flávia Cernic Ramos 89

RUMOR DAS SAVANAS NO BAZAR LITERÁRIO

A CRÔNICA DE LEO PARDO EM PORTO ALEGRE

Alexandre Lazzari 125

OS MACAQUITOS NA BRUZUNDANGA

RACISMO, FOLCLORE E NAÇÃO EM LIMA BARRETO (1881-1922)

Raphael Frederico Acioli Moreira da Silva 161

LITERATURA EM MOVIMENTO

COELHO NETTO E O PÚBLICO DAS RUAS

Leonardo Affonso de Miranda Pereira 201

VIAJANDO O SERTÃO

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E O SOLO DA TRADIÇÃO

Margarida de Souza Neves 239

GRACILIANO RAMOS E A CRÔNICA

UMA VIDA EM TRÊS SÉRIES

Mário Fernando Passos Danner 265

II – CRÔNICAS NO PLURAL

MONUMENTO E POLÍTICA

OS "COMENTÁRIOS DA SEMANA" DE MACHADO DE ASSIS

Marco Cícero Cavallini 301

"SCENAS COMICAS"

FRANCISCO CORRÊA VASQUES E A IDENTIDADE DO ATOR TEATRAL (1883-1884)

Andrea Marzano 343

MEMÓRIAS DE UM DEMÔNIO APOSENTADO

LITERATURA E VIDA LITERÁRIA EM BASTOS TIGRE

Marcelo Balaban 363

DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR AOS CAMPOS DE FUTEBOL

A CRÔNICA ESPORTIVA DE JOSÉ LINS DO REGO

Bernardo Borges Buarque de Hollanda 403

III – CRÔNICAS SINGULARES

CENAS DA VIDA CARIOCA

O RIO NO TRAÇO DE RAUL PEDERNEIRAS

Laura Nery 437

O MODERNO EM REVISTA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marcia Cezar Diogo 461

PREZADOS MODERNISTAS

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE

Silvia Ilg Byington 493

PERSONAGENS E MEMÓRIAS

TERRITÓRIOS DE OCUPAÇÃO RECENTE NA AMAZÔNIA

Regina Beatriz Guimarães Neto 521

DE SAMBAS E PASSARINHOS

AS CLAVES DO TEMPO NAS CANÇÕES DE SINHÔ

Maria Clementina Pereira Cunha 549

SOBRE OS AUTORES 590

APRESENTAÇÃO

Machado de Assis definia em 1876 aquela que seria a principal marca da crônica: tratar de “cousas ínfimas”.¹ Ainda que confessasse não saber ao certo o momento de surgimento do gênero, afirmaria no ano seguinte haver “toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas”:

Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a cousa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.²

Surgidas ao acaso, da espontaneidade de uma conversa, as crônicas teriam como uma de suas características primeiras a leveza. Ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo. Sem pretensão à perenidade, reconhecida na produção de escritores e poetas cuja literatura é muitas vezes vista como atemporal e transcendente, eles abordariam preferencialmente, segundo reafirmaria Machado anos depois, “cousas doces, leves, sem sangue nem lágrimas”.³

Tais características, apenas esboçadas na pena de Machado, acabaram, com os anos, por servir de base às tentativas de definição de uma essência para o gênero. Embora tenha por tempos garantido simpatia e condescendência à crônica, essa definição acabou por transformá-la em uma espécie de filha bastarda da arte literária. Por não terem sido “escritas para a posteridade”, como

apontou John Gledson, foram muitas vezes tomadas como textos ligeiros e sem importância, a serem esquecidos nas páginas dos jornais velhos.⁴ Mesmo críticos atentos ao seu valor, como Antonio Candido, acabaram muitas vezes por reconhecer nelas um “gênero menor”.⁵ Ainda que veja com bons olhos tal definição, que as aproxima do interesse dos leitores, ele as caracteriza como um tipo ligeiro e desprezioso de literatura, feita às pressas e sem cuidado, para o consumo diário dos jornais. “A sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”, afirma o crítico, explicando que isso acaba por transformá-las “em algo íntimo com relação à vida comum de cada um”.⁶ Mais do que informar ou comentar, seu intuito seria sobretudo o de divertir — o que leva Candido a “insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça da crônica”.⁷

A sustentar tais avaliações estava um pressuposto que, ainda hoje, se expõe na forma pela qual são muitas vezes lidas e interpretadas as crônicas: a suposta ausência de elaboração narrativa do gênero. Habitualmente vistas como “um misto híbrido de jornalismo e literatura”, na definição de Gledson,⁸ elas se aproximariam, na sua concepção, do caráter desprezioso e datado de uma notícia de jornal. Escritas “ao correr da pena”, como afirmava José de Alencar,⁹ seriam produzidas por força das circunstâncias, sem obedecer a nenhum impulso criativo mais elevado. Sem atentar para o fato de que muitos romances e contos escritos na segunda metade do século XIX foram publicados originalmente em jornais, muitas vezes com uma pressão de prazos idêntica àquela que inibiria a qualidade das crônicas, afirma-se o caráter passageiro dessa literatura com data de validade, cujo brilho se esgotava com a edição seguinte da folha.

Nem só de improviso e pressa se fez, porém, a história da crônica no Brasil. O próprio Machado, após a definição jocosa do gênero que nos emprestou ponto de partida a esta Apresentação, muda de rumo na frase seguinte: dizendo-se “sabedor ou conjecturador de tão alta prosápia”, declara “uma trivialidade” definir o gênero na chave das duas vizinhas conversadeiras. De fato, se a impressão de um gênero algo descuidado pode algumas vezes se fazer no-

tar na produção de determinados autores, José de Alencar se encarregaria de mostrar, em uma de suas crônicas, que mais coisa poderia haver naqueles pequenos textos curtos publicados nos jornais. “O folhetim é de todas as províncias literárias, a que tem mais raros cultores”, afirmava em 1875, reconhecendo ser a crônica um gênero ainda em consolidação. Mesmo assim, via nela já maturidade suficiente para pintar-lhe o perfil — na afirmação de que esse fato era fruto do “cunho peculiar desses escritos”, que reproduziriam na literatura moderna “as epístolas clássicas, de que nos deixou Horácio tão elegantes modelos”. A referência às cartas de Horácio, que realizavam discussões filosóficas e morais ao tratar de assuntos variados, nada tinha de casual. Alencar indicava, com esse paralelo, a pretensão escondida no tom aparentemente desprezioso que caracterizava as crônicas. “É uma arte difícil essa, de dizer tudo, não dizendo nada”, completava Alencar, dando pistas da complexidade que poderia haver na forma pela qual muitos literatos se relacionavam com a crônica.¹⁰ Da tensão entre a elaboração narrativa, sugerida por Alencar, e o dever de dialogar de forma mais direta com os temas e questões de seu tempo, apontado por Machado, se definia o perfil de um gênero que teria importância central na produção literária brasileira a partir de meados do século XIX.

Não se trata de um gênero simples. Para além da leveza que afirma ser própria da crônica, a imagem utilizada por Machado de Assis aponta para outra de suas características principais: a simplicidade construída entre o autor e o público quanto aos temas e questões a serem discutidos. Se, no caso das vizinhas faladeiras, a parceria era fruto da vivência de situações e ambientes comuns, quando pensada no contexto mais amplo dos jornais tal questão se colocava de forma mais complexa. Ao cronista cabia a responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse. Por mais banais que fossem para os contemporâneos, a especificidade dos temas coloca, a um leitor de hoje, a necessidade de uma cuidadosa operação exegética para decifrar e decodificar os seus termos.

Só assim será possível relacionar definitivamente tais textos à realidade que é, a uma só vez, a sua matéria-prima e horizonte de intervenção. Em vista disso, só recentemente esses registros começaram a merecer olhares mais cuidadosos, que apontam sua importância tanto como campo de experimentação literária quanto como testemunho de um tempo vivido.¹¹

Analizadas algumas das dificuldades para sua compreensão e assimilada a advertência de Alencar sobre a elaboração da crônica como gênero literário, resta definir-lhe o perfil. Tão complexas quanto romances ou contos, as crônicas apresentam também características específicas que devem ser levadas em conta para sua análise. A bem da verdade, muitas dessas características são comuns a outros gêneros, o que reflete a fluidez e artificialidade das separações estanques entre eles, e sublinha entrecruzamentos e interseções que embaralham definitivamente qualquer tentativa de taxonomia positiva a esse respeito. Mesmo assim, cabe traçar, ainda que por linhas tênues, algumas das questões ligadas ao processo de consolidação da crônica, ao menos na forma pela qual ela se configura no Brasil da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

É novamente Machado de Assis, mestre também nesse gênero, que nos dá as primeiras pistas. Por meio de João das Regras, narrador responsável pela série “A + B”, que neste volume é analisada no artigo de Sidney Chalhoub, tratou em 1886 de refletir sobre as diferenças que separariam a História, “uma bela *castelã*, muito cheia de si”, da crônica, “uma boa velha *patusca*” que “fareja todas as cousas miúdas e graúdas, e põe tudo em pratos limpos”.¹² Ao contrário do historiador, supostamente superior e desinteressado, ao cronista caberia interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia. Flagrado em meio ao debate, não analisava a realidade de forma exterior, mas dialogava com outros sujeitos, participava das discussões, metia-se em todas as questões de seu tempo. Ao acertar contas com seu presente, a crônica teria assim como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade, com a qual interagiria à moda de uma senhora brincalhona. Longe de refletir ou espelhar

alguma realidade, ela tentava analisá-la e transformá-la — valendo-se, para isso, de um tom leve, que atraísse o leitor, e da penetração social das folhas nas quais eram publicadas.

As formas pelas quais os cronistas brasileiros tentaram realizar tal intento foram variadas. Em comum, no entanto, estava o cuidado demonstrado na delimitação de um perfil próprio para suas séries, que torna um tanto mais complexo o tipo de intervenção caracterizado pelas crônicas. Ao participar dos debates do tempo, não deixavam de lado as artes de seu ofício, tratando de fazê-lo com os cuidados próprios da escrita literária. Definir um campo temático, elaborar um ponto de vista narrativo e delimitar formas próprias de escrita eram meios de o escritor esboçar um perfil para suas crônicas. Apresentado em geral no primeiro artigo de uma série — habitualmente destinada a formular seu programa, ainda que a grande parte dos autores o fizesse de forma velada e sutil, dizendo negar-se a fazê-lo —, tal perfil servia como chave interpretativa capaz de guiar o leitor através daquele conjunto de textos.

Exemplar, a esse respeito, é a cuidadosa escolha dos pseudônimos, artifício freqüente entre os cronistas brasileiros desde meados do século XIX. Coelho Netto, um dos mais assíduos cronistas da virada do século, dá um precioso testemunho sobre o sentido desse hábito, em entrevista ao jornal *Gazeta de Notícias* em junho de 1912. Afirmava, de início, que o pseudônimo “não é bem um disfarce, uma máscara”, constituindo antes uma cuidadosa opção narrativa adotada pelo autor em cada uma de suas séries. “Caliban evidentemente não seria substituído na capa de uns volumezinhos brejeiros, por Coelho Netto, está claro”, afirmava, em reconhecimento à distância que separava suas próprias opiniões e personalidade daquela que construiu para Caliban, pseudônimo tirado da obra de Shakespeare. Evidenciava, em seguida, a delimitação de um perfil claro para cada um desses narradores, construídos no intuito de abordar questões específicas em diferentes momentos: “o pseudônimo adequa-se ao assunto e à preocupação da época”, marcando “épocas diferentes, verdadeiros períodos” da vida literária de um autor, “fases diferentes” do seu “espírito”.¹³ Mais do que um escudo, os pseudônimos podiam ser meio de elaboração de persona-

gens-narradores, cujo perfil era construído cuidadosamente ao longo de cada série — em procedimento que se mostrava muito distante da imagem casual e direta muitas vezes a elas atribuída. O mesmo objetivo era às vezes alcançado através do título ou de outros recursos textuais que individualizavam a série e ajudavam a conferir-lhe um sentido.

Em contraste ao protocolo narrativo do noticiário, a crônica forma entre autor e leitor uma série de mediações e filtros singulares. O registro tão distinto entre a reportagem e as crônicas de Câmara Cascudo sobre a mesma viagem ao sertão feita em 1934, analisadas por Margarida de Souza Neves no seu artigo, disso fornecem um exemplo expressivo.

A leitura das crônicas demanda, portanto, a seus intérpretes que aliem a atenção às redes de interlocução a partir das quais elas são escritas com o esforço cuidadoso para decifrar o processo de sua elaboração narrativa. É o que procuram fazer os artigos reunidos na primeira parte desta coletânea, intitulada “Crônicas em série”. Ao analisar séries específicas de crônicas — sejam aquelas produzidas por literatos de renome, como Machado de Assis e Lima Barreto, ou por nomes menos conhecidos pela posteridade, como Paulino de Azurenha —, tais artigos têm em comum o enfrentamento das armadilhas e filtros pertinentes à narrativa de cada cronista. Ao relacionar seus escritos com o ambiente mais amplo de discussão no qual surgiram, negam qualquer possibilidade de separação entre o texto e o contexto, vendo nas crônicas um vetor constitutivo da realidade que seus autores tentavam, por meio delas, transformar.

Se o cuidado com a narrativa e a ligação com a realidade aproximam a crônica de outros gêneros literários, tal paralelo esbarra, porém, em um elemento que a singulariza: a indeterminação. Claro que a indeterminação não é exclusiva das crônicas. Basta pensar nos inúmeros romances-folhetins publicados dia a dia nos jornais oitocentistas, muitas vezes escritos em diálogo com as reações dos leitores. Há ainda casos de impasses estéticos, pessoais ou políticos que interferem na concepção da obra, truncando textos ou forçando a sua reelaboração em meio ao processo de escrita.¹⁴

O que é específico da crônica, pois, é a natureza da sua indeterminação. Sua particular ligação ao tempo vivido, como mostrou Machado de Assis na caracterização de suas origens, faz com que dependa dos acontecimentos com os quais busca interagir, movendo-se e transformando-se de acordo com eles. Ainda que possa caracterizar o ponto de vista da narração, os objetivos da série e o campo temático das discussões que deseja implementar, o cronista está sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe fornece temas e problemas com os quais discutir quanto modifica e redireciona suas opções iniciais. Resultam daí tanto os caminhos e descaminhos de cada série de crônicas quanto as freqüentes mudanças de estratégia por parte de autores, que, ao verem esgotado o interesse da questão que se propunham a discutir em determinada coluna, tratam de substituí-la por outra, às vezes poucos dias depois do desaparecimento da primeira.

Sucessor de Machado de Assis na crônica dominical da *Gazeta de Notícias*, Olavo Bilac é um dos muitos escritores que reclama do “martírio de quem é obrigado a escrever sempre cousas novas sobre semanas que se parecem com irmãs gêmeas”. Ao explicar seu tormento, dá pistas para entendermos o sentido desse movimento inerente à produção cronística. “Um cronista vive sempre no apuro dos empresários que, tendo pouco pessoal e pouco dinheiro, têm de servir ao público peças de grande espetáculo, exigindo volumosas massas corais e movimento extraordinário de comparsaria”, afirma Bilac.¹⁵ Como os empresários teatrais, o autor de uma crônica tinha também que contentar o público, trazendo à folha os temas e questões de sua predileção. Se o espetáculo apresentado nas páginas dos jornais não agradava, era hora de mudar seu enredo ou tirá-lo de cartaz, atendendo ao interesse dos possíveis leitores. A crônica era gênero dialógico por excelência, tal como observara Machado na anedota das duas vizinhas. Estabelecia-se, entre autor e público, uma relação de mão dupla: se o cronista fazia dos seus artigos um modo de intervir sobre a realidade, influenciando os leitores, por outro ele era também influenciado por eles, cujas expectativas e interesses ajudavam a definir temas e formas que passaria a adotar. Da dialética entre essas posições

resultava um movimento que relativizava a possibilidade de o autor definir, sozinho, os rumos de sua série, abrindo espaço para a indeterminação.

Por isso mesmo, além da atenção em relação aos procedimentos narrativos e aos debates sociais que originam as crônicas, soma-se a necessidade de atentar para as transformações na produção de cada autor, quer no interior de determinada série, quer no processo sucessivo de substituição e reinvenção de colunas e narradores no conjunto de sua obra cronística. Em paralelo ao esforço de compreensão de conjuntos específicos de crônicas, a primeira parte desta coletânea apresenta também análises que buscam acompanhar, ao longo de um período mais amplo, as diferentes colunas publicadas nos jornais por Graciliano Ramos, Coelho Netto e Câmara Cascudo.

Outra característica a singularizar a crônica era sua estreita ligação com a imprensa. Destinados em meados do século XIX a tornar as folhas mais leves e atraentes, os folhetins de variedades acompanharam o processo de ampliação do público leitor de jornais. Machado de Assis atestou o sucesso de tal movimento, em crônica escrita no início da década de 1890, ao observar a “revolução” que se teria estabelecido no jornalismo brasileiro nas décadas anteriores.¹⁶ Com tiragens muito superiores àquelas alcançadas por outras obras impressas, os jornais se constituíram nos principais veículos de comunicação com o grande público. Apesar das baixas taxas de escolaridade e alfabetização, já se mostravam em fins do século XIX capazes de atingir, com sua influência, os mais diversos grupos sociais — fato explicado por hábitos como a leitura em voz alta e pela rápida difusão oral daquilo que era publicado. Ao alargar o horizonte de seus possíveis leitores, proporcionavam aos seus autores prestígio e reconhecimento. Mesmo sem se confundir em nenhum momento com o jornalismo noticioso, a crônica mostrava-se, mais do que qualquer outro gênero, atrelada ao jornal no qual era publicada.

O vínculo com o jornal, ao assegurar a difusão do gênero, acabou também por possibilitar o aparecimento de colunas especializadas. O progressivo surgimento de seções específicas nos grandes

jornais provocou a diversificação dos tipos de crônica, muita vez definida por seu caráter generalista. O folhetim semanal, cujo autor deveria ser capaz de abordar em um mesmo texto os mais diferentes assuntos, por vezes não bastava para dar conta de uma variada gama de temas que pediam suas próprias séries. Assuntos como a política, o teatro, o esporte e a memorialística, embora se fizessem desde o início presentes na produção dos cronistas brasileiros, passaram a merecer seções próprias, pautadas por lógicas e regras específicas. Como resultado, tais séries acabavam por se constituir em espaços privilegiados de desenvolvimento do gênero — caracterizando sua multiplicidade na imprensa brasileira, analisada nas “Crônicas no plural”, que compõem a segunda parte desta coletânea.

Da aparente contradição entre a leveza anunciada pelos cronistas e a cuidadosa elaboração de suas séries; da tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la; e da variedade de formas e temas por ela assumidas, define-se enfim um perfil para a crônica. Ressalte-se, porém, que, se tais características podem ser freqüentemente notadas na produção cronística brasileira da segunda metade do século XIX e da primeira do século XX, nem por isso consistem em uma definição universal do gênero. Sem ser tão despreziosa e ligeira quanto supõe parte da crítica, a crônica não se presta também a definições gerais que tentem, de uma tacada, englobar todos os seus sentidos e características, como se fosse possível chegar a uma sua suposta essência. Se a própria delimitação dos diversos gêneros literários se mostra frágil e incerta, qualquer definição abstrata de crônica terá sempre, como limite, a concretude de cada um desses pequenos artigos. Escritas em verso ou prosa, ligadas à verdade ou ao sonho, têm em comum o tipo de relação que estabelecem com a indeterminação da história.

Ao invés de conceituar a crônica de modo unívoco, cabe enfrentar a sua especificidade, em um procedimento que radicalize a busca de sua historicidade, ao mesmo tempo em que se mostre atento aos complexos mecanismos narrativos que a constituem. Não parecerá estranho, por isso, que essa coletânea se encerre com artigos que tratam de “Crônicas singulares”, textos que sem serem crônicas cumprem uma função análoga. Desenhos, cartas, sambas e relatos

orais, todos sujeitos aos filtros de sua forma própria de elaboração, cumprem também a seu modo o protocolo básico que singulariza a crônica em relação a outros gêneros. Ao utilizar outras linguagens, por vezes sem a pompa e circunstância normalmente associadas à criação literária, são construções autorais, que intervêm na realidade que tentam representar. Mesmo sem entrar no campo da literatura, o paralelo entre esses distintos modos de expressão e a crônica em seu sentido estrito pode ajudar a entender esse gênero, ele próprio muitas vezes excluído do cânon literário.

Como se vê, a crônica, “cousa miúda”, desafia os modos graúdos do olhar crítico. Aplica-se a ela, talvez, o que disse Machado de Assis sobre os míopes: “enxergam onde as grandes vistas não pegam”.¹⁷ Melhor será seguir os passos de Olavo Bilac, que, em 1897, refletia novamente sobre a atividade do cronista. As crônicas “não deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não depravam nem regeneram os homens”, observava, ao reafirmar a idéia de que elas “escrevem-se, lêem-se, esquecem-se, tendo apenas servido para encher cinco minutos da monótona existência de todos os dias”. O final dessa crônica, que servia à sua nova série como um programa, tratava, porém, da esperança de que tais textos pudessem ser lidos de forma diversa: “Mas, quem sabe? talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa...”.¹⁸ Antes tarde do que nunca...

Este volume resultou do diálogo e trabalho conjunto realizados no âmbito de dois projetos temáticos de pesquisa, vigentes junto ao PRONEX–CNPq, sediados no Departamento de História da PUC–Rio e no CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, IFCH–UNICAMP). Felizados em contar com o apoio de tal programa do governo federal, hoje descaracterizado como quase tudo o que arrisca dar certo neste país, as duas equipes de pesquisa puderam encontrar-se, completas, em profícuo seminário realizado no Rio de Janeiro em novembro de 2001. Desde então, ao longo de diversas revisões e reescritas, os organizadores, ainda graças ao PRONEX, reuniram-se várias vezes para modular textos,